

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

Compartilhar 82

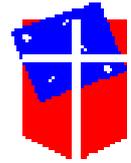
Sobre Sexualidade (À conferência "Full Inclusióni" de Seaburty – Western, Chicago, 2007

Dom Celso Franco de Oliveira*

Antes de qualquer coisa é necessário entender que as Escrituras não são um depósito fechado do qual tudo já foi dito. Elas vieram a nós como uma interpretação e contêm uma variedade de subjetividades e experiências humanas diárias e plurais. Homens e mulheres emergem como seres concretos e não meros objetos do discurso bíblico. Os textos bíblicos com os quais trabalhamos são uma coleção de escolhas multifacetadas, desejos e sensualidade, simbolizando representações e decepções de pessoas envolvidas na odisséia da vida comum. Ainda mais, temos que entender que a Bíblia deve ser lida à luz de cosmogonias, antropologia, sagas, poemas e mitos, numa mistura de desejos e culpas: elementos que permeiam a integridade da Escritura. Ainda devemos considerar que o Povo da Bíblia, especialmente no Antigo Testamento atribuía a Deus bênçãos e maldições da mesma forma como se comportam pais e filhos.

Outro aspecto é o que um teólogo brasileiro uma vez disse: "Nós, cristãos, herdamos o conceito da tradição judaico-cristã de que Deus não tem corpo, o que quer dizer que Ele não é erótico. Pensamos em Deus no ponto em que nossos corpos terminam. Transformamos os corpos em animais de carga, máquinas que sempre

* Dom Celso é bispo da Diocese Anglicana do Rio de Janeiro e psicanalista.

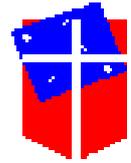


seguem ordens. Olhamos em direção à morte como o caminho para Deus como se Ele preferisse o cheiro dos sepulcros ao invés dos prazeres do paraíso.”

A psicogênese da homossexualidade continua a ser um grande desafio em relação à compreensão da psiquê humana. Sob o nome de homossexualidade, incluem-se numerosos, variados e polimorfos aspectos. Então, coloco “homossexualidades” no plural, já que há vários aspectos das mesmas, como homoerotismo, bissexualidade, transsexualidade e até mesmo neo-sexualidade, a qual confrontamos hoje em dia. Entretanto, as homossexualidades não são doenças – o que não significa dizer que não lidamos com homossexuais com sérios conflitos psicológicos, os quais não surgem da natureza homossexual, mas sim de preconceito social e homofobia.

Quem escolhe sua orientação sexual? O homossexual escolhe? Também não somos heterossexuais por escolha ou preferência. Ninguém pode suprimir ou até controlar a libido humana, que se organiza de acordo com múltiplas vicissitudes, e, como Freud diz em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905): “Em cada homem ou mulher normal, encontram-se traços do sexo oposto – estes ou persistem sem função como órgãos rudimentares, ou se modificam e tomam outras funções”.

Krafft-Ebing Richard, sexologista alemão, diz quase o mesmo que Freud: “a homossexualidade tem sua origem na bissexualidade do embrião. A heterossexualidade se desenvolve normalmente por repressão e involução onde um predomina em relação ao outro”. Isso leva-me a concordar com o que Platão diz em seu Simpósio: “originalmente, tudo no ser humano foi duplicado, tendo quatro mãos, quatro pés e órgãos sexuais duplicados, e então, Zeus decidiu dividir cada ser humano em duas partes. À medida em que o ser humano foi dividido em dois, cada parte tentou encontrar seu complemento.”



A identidade sexual é moldada culturalmente através da linguagem, com seus adjetivos de masculinidade e feminilidade. A cultura através da linguagem é que nos oferece adjetivos para homem e mulher. A anatomia vai ser assim a escrita da cultura e da linguagem que se inscrevem no corpo na constituição subjetiva de seus múltiplos caminhos.

O ser humano é bissexual, organicamente e fisicamente: o homem herda glândulas mamárias rudimentares (mamilos masculinos) e a mulher tem um pênis em miniatura, chamado clitóris, análogo ao pênis, e que, no início é relativamente desenvolvido, mas subsequente sofre considerável atrofia. Assim, é por isso que nós temos órgãos rudimentares e atrofiados, traços do sexo oposto, homens com seios (masculinos) rudimentares e mulheres com pênis (femininos) rudimentares.

Somos, conseqüentemente, recipientes de uma herança bissexual inexorável. Da ubiqüidade do embrião masculino-feminino ao seu florescer anárquico – livre e flutuante – e sua interação, nosso destino foi definido por uma combinação de impulsos, ambientes, culturas e pais, e nossa sexualidade emergiu sem nosso conhecimento por um momento sequer dos porquês ou quandos de sua origem e formação. Aí está o grande mistério da sexualidade humana.

O que precisamos entender é que cada pessoa é um ser único e que não há duas pessoas iguais. Não existe uma causa ou padrão de desenvolvimento que determine a orientação sexual, seja ela heterossexual, bissexual ou homossexual. O que existem são dados científicos, cada vez mais convincentes, de que a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, não podem ser consideradas por si só uma doença, perversão ou patologia. E se não é uma patologia, uma doença, curar o quê? Não se pode sugerir tampouco que os homossexuais não sofram de sérios conflitos. Tais conflitos, entretanto, não vêm de sua sexualidade, mas das



pressões da sociedade que definiu a norma sexual em termos exclusivamente heterossexuais.

Finalmente, o que significa ser um homossexual? Um homossexual tem como objeto de desejo e fantasias sexuais preferencialmente uma pessoa do mesmo sexo. É simplesmente não apropriado se pensar em doença ou escolha quanto a esse assunto. Que heterossexual escolhe sua sexualidade? Quem escolhe ser daltônico, destro ou canhoto? O maior problema para o homossexual é o olhar de suspeição do outro. Como bem disse um psicanalista brasileiro, “e me pergunto se, ao olhar para alguém com desconfiança – não vá ser que seja o que não deve ser – não fabricamos nele um ser altamente desconfiável. E o pior é que me respondo que sim.” Se é preciso haver mudanças, estas não devem ser direcionadas ao homossexual (“sua escolha”, “possibilidade de cura”), mas às percepções da sociedade e seu arsenal repressor, e tentar modificar o objeto do desejo é uma tarefa inalcançável.

Face a dados científicos abundantes hoje em dia, como deve ser a reação da Igreja? Como a Igreja reage quando ela percebe que a homossexualidade não é doença, tampouco escolha? Qual deve ser a natureza de seu discurso e atitude, à medida que a discussão se abre para a percepção crescente de que os homossexuais não são “eles”, mas “nós”, leigos, clero, nossos filhos e filhas, irmãos e irmãs, pessoas fiéis e dedicadas – que domingo após domingo rezam e recebem comunhão conosco na igreja?

Não seria o verdadeiro pecado a homofobia, ao invés da homossexualidade?

Pode-se curar a homofobia?